



A velhice e as transformações da sexualidade na Pós-Modernidade: um estudo hermenêutico da religião sobre identidade e corpo

Elderly age and the transformations of sexuality in Postmodernity: a
hermeneutic study of religion on identity and body

Thiago de Almeida¹

Clóvis Ecco²

Lisa Valéria Vieira Torres³

Resumo: O envelhecimento populacional no século XXI traz desafios significativos às estruturas sociais, exigindo uma revisão das concepções e representações sociais da velhice. Este estudo, uma revisão crítica da literatura, explora como a sexualidade na velhice é transformada na Pós-Modernidade, utilizando uma abordagem hermenêutica da religião sobre identidade e corpo. Historicamente, a velhice tem sido associada a estigmas e estereótipos negativos, influenciando negativamente a autoimagem e o bem-estar dos idosos. A percepção do corpo envelhecido, especialmente nas mulheres, é afetada por normas estéticas que privilegiam a juventude. A espiritualidade, entendida além da prática religiosa formal, desempenha um papel fundamental na reconstrução da identidade na velhice. A hermenêutica da religião oferece uma perspectiva para interpretar as narrativas religiosas sobre corpo e desejo, e como estas influenciam a vivência da sexualidade na velhice. Este estudo sugere que uma abordagem hermenêutica pode contribuir para combater o etarismo e desconstruir estereótipos negativos, promovendo uma visão mais inclusiva da sexualidade na velhice.

Palavras-chave: Envelhecimento da População; Religião; Sexualidade; Hermenêutica; Espiritualidade.

Abstract: Population aging in the 21st century brings significant challenges to social structures, requiring a revision of the conceptions and social representations of old age. This study, a critical literature review, explores how sexuality in elderly age is transformed in postmodernity, utilizing a hermeneutic approach to religion concerning identity and the body. Historically, elderly age has been associated with stigmas and

¹ Prof. Dr. Thiago de Almeida. Psicólogo pela Universidade de São Carlos (UFSCar). Mestre pelo Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da USP (IPUSP). Doutor pelo Departamento de Psicologia da Aprendizagem do Desenvolvimento da Personalidade do Instituto de Psicologia da USP (IPUSP). Pós-doutor pela Escola de Artes e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (EACH-USP) e Pós-doutor Ciências da Religião pela PUC Goiás. E-mail de contato: thiagodealmeida@thiagodealmeida.com.br Orcid: 0000-0003-4988-9317

² Prof. Dr. Clóvis Ecco: Coordenador do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Possui Doutorado em Ciências da Religião pela PUC-Goiás (2013). Graduação em Teologia pelo Instituto Missionário de Teologia (1994). Graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Dom Bosco (1990). E-mail: clovisecco@uol.com.br Orcid: 0000-0002-6922-4665

³ Profa. Dra. Lisa Valéria Vieira Torres: coordenadora do Programa de Gerontologia Social da PUC Goiás e professora da mesma instituição. Possui graduação em Fonoaudiologia, mestrado e doutorado pela UFG (2001/2014). Conselheira titular do Conselho Estadual dos Direitos da Pessoa Idosa de Goiás (CEDIPI – GO) e também pelo Conselho municipal do idoso (CMIG) e pós-doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Stricto Sensu em Ciências da Religião da PUC – Goiás. E-mail: lisa.valeria@gmail.com Orcid: 0000-0002-2376-5474



negative stereotypes, negatively influencing the self-image and well-being of the elderly. The perception of the aging body, especially among women, is affected by aesthetic norms that privilege youth. Spirituality, understood beyond formal religious practice, plays a fundamental role in reconstructing identity in elderly age. The hermeneutics of religion offers a perspective to interpret religious narratives about the body and desire, and how these influence the experience of sexuality in elderly age. This study suggests that a hermeneutic approach can contribute to combating ageism and deconstructing negative stereotypes, promoting a more inclusive view of sexuality in elderly age.

Keywords: Population Aging. Religion. Sexuality. Hermeneutics. Spirituality.

Introdução

A velocidade do envelhecimento populacional transformou-se numa questão importante de saúde pública mundial. Em 2024 o número de pessoas com 60 anos ou mais alcançou 1,1 bilhão, e projeta-se que atinja 1,4 bilhão já em 2030 (WHO, 2024). No Brasil, segundo projeções do IBGE, esse grupo ultrapassará a população de crianças até 2035, tornando-se o segmento etário mais representativo (IBGE, 2022).

A expectativa de vida ampliou-se nos últimos dez anos, fazendo com que pessoas idosas representem atualmente 10,9 % da população, de acordo com o Censo Demográfico de 2022⁴. Dessa forma, o número de pessoas idosas no país, evidencia a necessidade de repensar as políticas públicas e as abordagens sociais voltadas para esse segmento populacional. (Ribeiro *et al.*, 2024; Oliveira, 2019)

A operacionalização deste debate exige avançar da reflexão hermenêutica para estratégias aplicadas em três frentes complementares. No campo educacional, recomenda-se a inclusão obrigatória de módulos sobre sexualidade e envelhecimento em cursos de licenciatura, saúde e teologia. A literatura comprova que abordagens informativas e dialógicas sobre desejo na velhice reduzem preconceitos entre jovens e futuros profissionais, fomentando uma pedagogia intergeracional que valoriza o corpo idoso como locus de saber e experiência (Hinchliff; Gott, 2016). Oficinas de formação continuada para docentes de Ensino Fundamental e Médio podem, ainda, promover discussões que desassociem sexualidade de procriação, legitimando múltiplas formas de intimidade ao longo do ciclo vital.

⁴<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-em-12-anos>. Acesso em 29/09/2024.



Na esfera da saúde, protocolos clínicos de atenção primária deveriam contemplar avaliação sistemática da saúde sexual de pessoas com 60+ anos, conjugada a orientações sobre prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e aconselhamento espiritual. Estudos gerontológicos (Almeida e Lourenço, 2007; 2008; Atchley, 2009) indicam que intervenções breves, realizadas por equipes multiprofissionais treinadas, aumentam a autoeficácia do idoso na negociação de práticas seguras e melhoram indicadores de bem-estar subjetivo. A formação em geriatria precisa, portanto, incorporar competências relacionadas à escuta de dilemas espirituais e de identidade, articulando-as com referenciais de psicoterapia cognitivo-comportamental quando pertinente.

Nas políticas públicas, recomenda-se a criação de diretrizes nacionais que reconheçam explicitamente os direitos sexuais da pessoa idosa, alinhadas ao Estatuto da Pessoa Idosa e às metas de Saúde Sexual e Reprodutiva da Agenda 2030. Essas diretrizes devem prever campanhas de comunicação antietarista, financiamento a centros de convivência que ofereçam educação sexual continuada e pactuação, junto às instâncias religiosas, de narrativas inclusivas sobre corpo e desejo (Siqueira; Torres, 2023; Koenig, 1997). Essa convergência entre educação, saúde e gestão pública permitirá enfrentar estigmas históricos, promovendo uma velhice sexualmente ativa, autônoma e socialmente legitimada.

Nesse contexto, o substancial e acelerado crescimento da população idosa tem gerado novas demandas específicas desse grupo, que demandam respostas adequadas por parte da sociedade. De acordo com Hinchliff e Gott (2016), essa mudança demográfica impõe a necessidade de uma revisão dos conceitos e representações sociais acerca do envelhecimento, que historicamente têm sido permeados por estigmas e estereótipos negativos.

A Teoria do Desengajamento, proposta por Cumming e Henry (1961) foi uma das primeiras teorias sociológicas que denunciou, de certa forma, este quadro estigmatizado e preconceituoso. Os autores sugeriram que a velhice é acompanhada por um processo natural de retirada social, tanto voluntária quanto involuntária. A ideia principal é que, à medida que as pessoas envelhecem, há uma transição para um papel menos ativo na sociedade, o que pode ser interpretado como um sinal de inutilidade ou declínio. Esta teoria foi inovadora ao tentar explicar o envelhecimento a partir de uma perspectiva



sociológica, mas recebeu críticas por ser determinista, universalista e por não considerar a importância do contexto social, econômico e cultural.

Diversas pesquisas têm evidenciado que o envelhecimento, em muitas sociedades contemporâneas, é frequentemente vinculado a concepções negativas, como declínio funcional, perda de valor social e inutilidade, o que repercute diretamente na autoimagem e no bem-estar subjetivo da pessoa idosa (e.g., Silva et al., 2022). Nesse contexto, destacam-se as reflexões de Torres e Carrião (2017), que denunciam a internalização de discursos excludentes e estigmatizantes sobre a velhice. Os autores afirmam: “é mesmo assustador quando se atesta a que ponto chegamos: existe uma colonização interiorizada da velhice” (Torres; Carrião, 2017, p. 38), evidenciando como os sujeitos incorporam valores sociais que desvalorizam o envelhecimento. Eles prosseguem: “Vive-se, atualmente, em um mundo de recusa do envelhecimento, cujo valor moral se assenta sobre a juventude.” (Torres; Carrião, 2017, p. 38). Por fim, os autores concluem que “de certa forma, estes discursos representam o universo simbólico estereotipado do velho na sociedade” (Torres; Carrião, 2017, p. 40). Essas perspectivas indicam que o envelhecimento, longe de ser compreendido como uma etapa legítima e valorizada do ciclo de vida, continua sendo atravessado por construções simbólicas que o marginalizam socialmente.

Para a pessoa idosa, a velhice não deve ser encarada como uma fase de declínio, mas como etapa dinâmica que envolve transformações profundas na identidade pessoal, social e espiritual (Atchley, 2009; Malone; Dadswell, 2018). Por esta via, Siqueira e Torres (2023), em um ensaio sobre educação e desdobramentos das velhices, declaram sobre o potencial de atrevimento ao empenho, à incompetência e à inutilidade que muitos idosos podem assumir além de “promessas de um existir, além de mais humano, mais fecundo e, portanto, salutar” (Siqueira e Torres, 2023, p. 85). Mais adiante, as autoras ousam quando assinalam:

mais que moldar a velhice à sociedade, propomos salvá-la dos estigmas e preconceitos, sem ditar caminhos ou sugerir aprendizados úteis, mas deixando-a à deriva de seus anseios e irreverências – arremessando-a ao imprevisível [...] uma permissão à contemplação, à duração e à permanência, que nos obriga a abrandar a pressa e a acender biografias (Siqueira; Torres, 2023, p. 98).

A identidade, nesse contexto, se reconstrói a partir de novos papéis e experiências. Para muitos, a velhice se torna um momento de reflexão e reconciliação com as dimensões



mais profundas da existência, o que pode promover uma identidade mais integrada e plena (Le; Chuc; Taghizadeh-Hesary, 2019; Giannone; Kaplin, 2020). A autoimagem e a percepção do corpo na velhice, também são aspectos que contornam as questões sobre identidade e que merecem atenção, porque estão intrinsecamente relacionados às questões de gênero e às demandas sociais contemporâneas (Almeida, 2013; Almeida; Lourenço, 2007; 2008; 2012).

Em sociedades ocidentais, as construções socioculturais de beleza subordinam o corpo feminino envelhecido a padrões juvenis, vinculando-o à perda de capital erótico e de valor social (Almeida, 2013; Træen *et al.*, 2017; Schaller *et al.*, 2023). Esse processo reproduz etarismo de gênero e repercute negativamente na autoestima e na agência sexual de mulheres 60+. A percepção de si mesmo passa, então, a ser influenciada por normas estéticas e culturais que priorizam a juventude e a beleza física, especialmente em sociedades ocidentais (Almeida, 2013; Almeida; Bittencourt, 2018; Almeida; Lourenço, 2008; 2009; 2012; Hinchliff; Gott, 2016).

Para Kvaem *et al.* (2020), o processo de envelhecimento afeta significativamente a maneira como os indivíduos percebem e experienciam seus corpos, gerando uma tensão entre a vivência subjetiva da corporeidade e as expectativas normativas da sociedade contemporânea, que privilegia juventude, funcionalidade e desempenho. Essa discrepância pode provocar sofrimento psíquico, sobretudo quando o corpo envelhecido deixa de corresponder aos padrões estéticos e produtivos socialmente impostos. Diante dessa situação, a espiritualidade se apresenta como uma via privilegiada de reconstrução identitária, ao oferecer um campo simbólico e experiencial que possibilita atribuir novos sentidos à velhice, para além dos critérios estritamente corporais ou funcionais.

A dimensão espiritual, nesse sentido, contribui de maneira importante para a reelaboração da identidade na velhice, ao associar-se à busca por novos significados existenciais diante das mudanças físicas e sociais próprias dessa etapa da vida. Tal reconstrução subjetiva exige o fortalecimento de recursos internos que auxiliem no enfrentamento de perdas significativas, como a redução da autonomia, da independência e da inserção social. É relevante enfatizar que a espiritualidade não se limita à adesão a práticas religiosas formais, pois compreende também uma vivência subjetiva voltada à busca por propósito existencial e por conexões que transcendam a materialidade. Conforme o entendimento de Puchalski *et al.* (2009), a espiritualidade pode ser



compreendida como uma dimensão da experiência humana que se expressa na forma como os indivíduos buscam e atribuem significado e propósito à vida, bem como na forma como experienciam sua conexão com o presente, consigo mesmos, com os outros, com a natureza e com o que consideram sagrado.

Essa concepção ampliada encontra respaldo na pesquisa qualitativa realizada por Oz, Duran e Doğan (2022), com dezenove idosos entre 65 e 88 anos, a qual evidenciou que a espiritualidade atua como eixo estruturante na condução das trajetórias de vida na velhice, ao favorecer a construção de sentido diante de experiências como o luto, o adoecimento e o isolamento. Os resultados indicam que a espiritualidade funciona como suporte interno, promovendo emoções positivas e facilitando o enfrentamento de situações adversas, inclusive as perdas funcionais e os processos de transformação identitária que acompanham o envelhecimento.

Com base nesses achados, Oz, Duran e Doğan (2022) recomendam a criação de programas contínuos de formação voltados aos profissionais de saúde, com foco na sensibilização para as necessidades espirituais da população idosa. Tais iniciativas visam promover um cuidado mais integral, que contemple não apenas os aspectos físicos e cognitivos, mas também as dimensões subjetivas e existenciais do envelhecer.

Ao proporcionar uma via de conexão com algo maior — seja uma divindade, a natureza ou princípios éticos —, a espiritualidade contribui para a elaboração simbólica da dor, da perda e da limitação funcional, oferecendo um senso de continuidade existencial mesmo diante das rupturas provocadas pela velhice. Práticas espirituais e crenças, como demonstram os estudos analisados, têm se revelado eficazes na mediação das dificuldades próprias dessa etapa, favorecendo processos de aceitação, serenidade e reconstrução de sentido.

Além disso, evidências mais recentes indicam que, nas fases terminais da vida, a espiritualidade se constitui em um recurso fundamental de enfrentamento, contribuindo para a redução do sofrimento e promovendo uma atitude de maior aceitação diante da finitude (Ramos; Lemos, 2024).

Em uma análise conceitual da espiritualidade, Lemos e Nunes (2022) afirmam que a velhice pode ser entendida como um elemento inerente à natureza humana e essencial para a saúde, conforme reconhecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Além disso, a espiritualidade é considerada um aspecto relevante no diagnóstico de transtornos



mentais, de acordo com a American Psychiatric Association (2014). Lemos e Nunes (2022) também ressaltam que pesquisas (*e.g.*, Forti; Serbena; Scaduto, 2020) têm buscado desenvolver instrumentos para mensurar a espiritualidade dos indivíduos. Um avanço importante nesse campo envolve o uso de tecnologias de autoimagem, que permitem investigar a correlação entre espiritualidade e o funcionamento cerebral, analisando como o cérebro reage durante experiências espirituais (Peres; Newberg, 2013).

Lemos e Nunes (2022) observam, ainda, que há um crescente interesse e investimento em estudos sobre espiritualidade e religiosidade, o que tem gerado mudanças importantes na forma como esses fenômenos são compreendidos e acolhidos. Este ponto evidencia a necessidade de situar a espiritualidade dentro de um contexto socioeconômico e político. Portanto, torna-se fundamental compreender as recomendações metodológicas sobre o tema, analisando como, quando e com quais propósitos o conceito de espiritualidade é articulado em diferentes contextos (Toniol, 2018).

Lemos e Nunes (2022), também destacam a relevância do conceito de “política da espiritualidade”, discutido por Veer (2009), que sublinha a importância de se entender como o termo é empregado em diferentes situações, entre elas, na velhice, considerando os contextos de poder que moldam e influenciam sua aplicação. Portanto, a velhice e sua relação com identidade, corpo e espiritualidade são temas que contribuem para a compreensão dos desafios e das potencialidades típicas deste estágio da vida.

Por sua vez, estas questões associadas a estes aspectos convocam percepções significativas na maneira como a pessoa idosa lida com a sexualidade, um tema muitas vezes negligenciado, mas que é central para a construção da identidade e da autoimagem (Silva *et al.*, 2022; Oliveira; Salvador; Lima, 2023). Este ponto é complexo, especialmente quando consideramos a sexualidade sob a ótica da religião, que muitas vezes exerce influência sobre como a população idosa percebe e vivencia suas próprias transformações corporais e identitárias. Oz, Duran e Doğan (2022), investigam sobre o significado e o papel da espiritualidade na velhice, destacando como a religião influencia a percepção e a vivência das transformações corporais e identitárias na sexualidade.

A hermenêutica da religião, um campo que busca a interpretação e compreensão dos textos religiosos e suas implicações simbólicas e práticas, oferece uma perspectiva que pode atender ao debate a que se propõe este artigo, no sentido de trazer à baila o papel



da religião nas narrativas sobre corpo e desejo, assim como a relação entre identidade, corpo e sexualidade na velhice.

Diversos autores influentes contribuíram para essa análise, examinando como os textos sagrados e as tradições religiosas moldam a percepção dessas categorias fundamentais da existência humana. Entre eles, Michel Foucault e Judith Butler se destacam por suas abordagens inovadoras que relacionam religião, sexualidade e identidade, particularmente no contexto das transformações culturais trazidas pela Pós-Modernidade.

Michel Foucault, embora não se debruçou exclusivamente na hermenêutica da religião, analisa em *História da Sexualidade*, como as instituições religiosas exercem poder sobre o corpo e a sexualidade. Foucault (1976) argumenta que a sexualidade foi historicamente regulada por discursos religiosos que cumprem normas sobre o que é considerado aceitável ou desviado. A confissão, por exemplo, foi um mecanismo religioso central no controle da sexualidade, estabelecendo regras sobre o comportamento sexual e moldando a identidade dos sujeitos através da interiorização dessas normas. Foucault também sugere que a religião atua como uma estrutura disciplinar que vincula corpo, identidade e sexualidade por meio de práticas e discursos de poder.

Judith Butler, filósofa de destaque no estudo de gênero e sexualidade, oferece uma crítica à maneira de como a identidade de gênero e a sexualidade são reguladas por discursos hegemônicos, incluindo os religiosos. Na obra *Problemas de Gênero*, Butler (2003) propõe que a identidade de gênero não é uma essência fixa, mas um processo performativo, onde a repetição de atos normatizados, fundamentados em doutrinas religiosas e construídas se entende como masculino, feminino ou outras identidades. A relação entre religião e sexualidade, para Butler (2003), é decisiva, uma vez que muitas tradições religiosas têm historicamente impostas categorias binárias e fixas de gênero, invisibilizando as possibilidades de expressão mais fluidas.

No contexto da Pós-Modernidade, essas concepções de identidade, corpo e sexualidade começam a ser contestadas de maneira mais radical. A era pós-moderna, marcada pela fragmentação das grandes narrativas e pela valorização da pluralidade de perspectivas, desafia os discursos religiosos tradicionais que oferecem interpretações sobre esses temas. Jean-François Lyotard, em sua obra intitulada *A Condição Pós-Moderna*, argumenta que a Pós-Modernidade se caracteriza pela incredulidade em relação



às metanarrativas, incluindo as religiosas, que outrora ofereciam verdades universais sobre o corpo e a sexualidade (Lyotard, 1998).

Esta contestação pós-moderna também se refletiu na maneira como o corpo é compreendido. Bauman (2000), insufla que na modernidade tardia ou líquida, a identidade, o corpo e a sexualidade são vistos como maleáveis e sujeitos a constantes reinvenções:

As identidades parecem fixas e sólidas apenas quando vistas de relance, de fora. A eventual solidez que podem ter quando contempladas de dentro da própria existência biográfica parece frágil, vulnerável e constantemente dilacerada por forças que expõem sua fluidez e por contracorrentes que ameaçam fazê-la em pedaços e desmanchar qualquer forma que possa ter adquirido (Bauman, 2000, p.107).

A religião, que tradicionalmente oferece uma visão estável e normativa sobre o corpo, perde seu privilégio exclusivo na definição desses conceitos, à medida que outras vozes – como as da cultura popular, da ciência e da política – se tornam influentes na formação de identidades. A sexualidade, assim como o corpo, torna-se um campo de liberdade e experimentação, em vez de um espaço de controle normativo.

Com a dissolução das normas regulamentares, surge um novo espaço para o questionamento das práticas religiosas que regulam a sexualidade e a identidade. Autores como Nancy Chodorow, em *The Reproduction of Mothering*, exploram como a psicanálise e a religião moldam a formação da identidade sexual e de gênero. Chodorow (1999), argumenta que os valores religiosos muitas vezes reforçam papéis do gênero tradicional, mas também abre a possibilidade para uma interpretação psicanalítica dessas práticas que podem oferecer uma leitura crítica e libertadora. Logo, a hermenêutica da religião passa a ser um terreno de disputa onde normas antigas são reinterpretadas à luz das novas sensibilidades pós-modernas.

Finalmente, há uma revalorização da pluralidade de experiências espirituais e sexuais, o que leva a uma reinterpretação mais inclusiva das tradições religiosas. Althaus-Reid (2000), desafia as visões tradicionais da sexualidade e do corpo na religião cristã, propondo uma teologia *queer* que abrange a diversidade sexual e a complexidade da identidade. Althaus-Reid (2000) ainda sugere que a hermenêutica da religião na Pós-Modernidade deve ser sensível às diversas experiências sexuais e de gênero, rejeitando as normas excludentes que historicamente marginalizaram indivíduos fora do padrão heteronormativo.



Em síntese, uma análise hermenêutica da religião sobre a identidade, corpo e sexualidade, quando confrontada com as ideias pós-modernas, revela um campo de tensão e transformação. Enquanto autores como Foucault e Butler fornecem ferramentas para entender como esses conceitos foram historicamente moldados pela religião, a Pós-Modernidade, com sua exclusão às narrativas totalizadoras, abre novas possibilidades de resignificação. O corpo e a sexualidade, antes regulados rigidamente pelas tradições religiosas, tornam-se na Pós-Modernidade espaços de experimentação e liberdade, desafiando as categorias fixas de identidade e expressão sexual.

Daí, entende-se que o enfoque hermenêutico parece ser um caminho possível para uma compreensão profunda das interpretações religiosas sobre corpo, desejo e velhice, oferecendo uma oportunidade de diálogo entre ciência e fé (Flannelly, 2017; Shafranske, 2023). Apesar do avanço dos estudos sobre envelhecimento ativo e espiritualidade, permanece limitada a compreensão integrada entre discursos religiosos, identidade corporal e vivências eróticas em idades avançadas. A concomitância entre etarismo e moral sexual religiosa continua subexplorada nas revisões sistematizadas de gerontologia (Træen *et al.*, 2017). Diante dessa lacuna, este artigo objetiva discorrer como a sexualidade na velhice é transformada na Pós-Modernidade, utilizando uma abordagem hermenêutica da religião sobre identidade e corpo tendo em vista a seguinte pergunta norteadora: Como as narrativas religiosas, analisadas sob uma hermenêutica crítica, (re)configuram a experiência corporal e a vivência da sexualidade em pessoas com 60 anos ou mais, e de que modo esse processo é atravessado pelo entrelaçamento entre etarismo e moral sexual na sociedade Pós-Moderna?"

1. Transformações da sexualidade na velhice: um olhar hermenêutico

A sexualidade na velhice passa por transformações perceptíveis, influenciadas pelas mudanças físicas e emocionais que acompanham o envelhecimento, bem como pelos discursos sociais e religiosos que regulam as formas como o desejo e a expressão sexual são vividos e percebidos (Hinchliff; Gott, 2016; Schaller *et al.*, 2023). Schaller *et al.* (2023) investigaram como adultos noruegueses idosos negociavam sua identidade sexual e imagem corporal em meio aos discursos sociais prevalentes. Este estudo revelou ainda que muitos idosos enfrentaram conflitos internos ao tentarem conciliar suas experiências sexuais com as expectativas sociais que associam a sexualidade à juventude.



Alguns participantes relataram sentir-se pressionados a atender a padrões de beleza irreais, o que teve um impacto negativo em sua satisfação sexual e autoestima.

No entanto, os autores também identificaram estratégias de resistência a esses discursos limitadores. Parte dos indivíduos reavaliou seus próprios valores e desenvolveu uma percepção mais positiva de seus corpos envelhecidos, valorizando aspectos como a intimidade emocional, a conexão interpessoal e a satisfação sexual que não estavam condicionadas aos padrões estéticos voltados à juventude. Ademais, o estudo de Schaller *et al.* (2023) confirma que, embora o envelhecimento seja um processo irreversível e heterogêneo, marcado por mudanças físicas que podem comprometer a capacidade funcional, ele não impede que a pessoa idosa exerça sua sexualidade e desfrute de uma vida sexual ativa e integrada (Roney; Kazer, 2015; Træen *et al.*, 2017).

A mudança no ritmo da atividade sexual, a adaptação a novos limites físicos e a reavaliação das necessidades emocionais são alguns dos fatores que caracterizam a sexualidade nessa fase. De acordo com alguns estudos (*e.g.*, Bessa *et al.*, 2024; Forbes; Eaton; Krueger, 2017; Falcão; Thomé; Almeida, 2023; Hatakeyama; Almeida; Falcão, 2017; Pessoa *et al.*, 2023, dentre outros), idosos valorizam novas formas de se relacionar com o outro. Muitos deles apreciam maneiras de afeto que renova a intimidade, aproximando-os de um amor maduro.

De acordo com a história, a velhice foi retratada como uma fase de dessexualização, reforçada por discursos médicos, culturais e religiosos que promoveram a ideia de que a sexualidade é irrelevante ou imprópria para a pessoa idosa (Silva *et al.*, 2022; Ramos; Oliveira, 2021). Essa construção social cria estigmas que limitam a autoexpressão e o reconhecimento do desejo na velhice, impondo barreiras à vivência plena da sexualidade (Hinchliff; Gott, 2016).

Em muitos contextos, a velhice ainda é associada a uma fase de abstinência e deserotização, em que o corpo envelhecido é desprovido de desejo e relegado à função de cuidado e dependência (Oliveira; Salvador; Lima, 2023). Essa visão, amplamente disseminada pelas instituições sociais, pode gerar uma internalização de discursos de culpa e vergonha que, por sua vez, inibem ou silenciam suas necessidades afetivas e sexuais (Schaller *et al.*, 2023).

Instituições religiosas ao longo da história influenciaram as concepções de corpo, desejo e sexualidade, muitas vezes restringindo a expressão sexual e reforçando a



moralidade tradicional (Flannelly, 2017). A visão de que a sexualidade deve ser confinada ao casamento e à procriação, por exemplo, é comum em muitas tradições religiosas e pode ter implicações significativas na forma como a pessoa idosa vivencia sua sexualidade (Oz; Duran; Doğan, 2022).

Na velhice, essas restrições podem se intensificar, já que o corpo envelhecido é frequentemente visto como menos digno de prazer sexual, e o desejo pode ser interpretado como algo que contraria os valores de pureza e espiritualidade (Le; Chuc; Taghizadeh-Hesary, 2019). Esse discurso restritivo, que perpetua a dessexualização da velhice, reflete uma hermenêutica que interpreta o corpo envelhecido como um espaço de fragilidade e decadência, em oposição à vitalidade do corpo jovem.

No entanto, a hermenêutica da sexualidade na velhice não é unidimensional. Existem também interpretações religiosas que oferecem uma visão mais positiva e inclusiva da sexualidade, especialmente no contexto da espiritualidade (Malone; Dadswell, 2018; Mcmanus, 2024).

Algumas tradições religiosas, tal como ocorre no cristianismo, valorizam o corpo como um templo sagrado e que inclui a sexualidade como uma dimensão da experiência humana (Koenig, 1997). Nessas abordagens, a espiritualidade pode ser uma ferramenta de reconciliação com o corpo envelhecido, permitindo que o indivíduo reconheça a manifestação da sua sexualidade como uma expressão de amor, intimidade e conexão, não limitada pela idade ou pelas normas sociais (Manning *et al.*, 2019).

Beauvoir (1970), foi uma das primeiras intelectuais a questionar os estereótipos em torno do envelhecimento e da sexualidade. Para ela, a sociedade tende a dessexualizar o corpo, ignorando os desejos e a vida afetiva das pessoas mais velhas. Beauvoir argumenta que essa dessexualização faz parte de um processo mais amplo de marginalização da pessoa idosa, que é vista como alguém que deve renunciar ao prazer na função da proximidade da morte. Para Beauvoir (1970), a velhice está associada à decadência física e ao fim da vida. Nesse cenário, a sexualidade e o prazer são vistos como pertences à juventude, uma fase da vida onde há vitalidade e projeção de futuro. A proximidade da morte impõe à pessoa idosa uma espécie de desumanização, em que ela deixa de ser considerada alguém que sente desejo e passa a ser vista como um corpo que deve se preparar para o fim, e não para continuar a viver de maneira plena. Beauvoir (1970) ensina:



A pessoa idosa dobra-se ao ideal convencional que lhe é proposto. Teme o escândalo, ou simplesmente o ridículo. Torna-se escrava do ‘que vão dizer’. Interioriza as obrigações de decência e de castidade impostas pela sociedade. Seus próprios desejos a envergonham, e ela os nega: recusa-se a ser, aos seus próprios olhos, um velho lúbrico, uma velha devassa (Beauvoir, 1970, p. 335).

Para Beauvoir (1970), essa imposição cultural é uma maneira de a sociedade evitar o confronto com a própria mortalidade. Ao dessexualizá-la e associá-la apenas à ideia de decadência e morte, a sociedade cria uma barreira psicológica contra o processo de envelhecimento, negando sua própria finitude.

O prazer, então, é visto como incompatível com o velho/a, pois representa a vitalidade que a sociedade prefere associar apenas à juventude. Beauvoir critica essa visão, argumentando que a negação do prazer à pessoa idosa é reflexo de uma sociedade que valoriza o corpo jovem e produtivo, ao mesmo tempo em que marginaliza e desumaniza aquela que não apresenta este corpo que enquadra nos padrões morais da juventude.

Dessa forma, Beauvoir (1970) propõe uma reflexão crítica sobre como a sociedade pode compensar sua relação com o envelhecimento e a sexualidade na velhice. Ela nos desafia a questionar os valores que colocam o corpo jovem e sexualizado no centro da dignidade humana, enquanto relegam os corpos envelhecidos ao esquecimento e inutilidade.

Margaret Mead, uma das mais influentes antropólogas do século XX, trouxe contribuições expressivas para a compreensão da sexualidade em diferentes fases da vida. Nas obras datadas de 1935/1979, 1949 e 1970 estas discussões estão incluídas. Mead destacou a importância de se compreender a sexualidade como uma preocupação moldada por fatores culturais, e não apenas biológicos. Para ela, a visão ocidental da velhice como uma fase de declínio sexual é um reflexo das normas e valores culturais específicos, que tratam o envelhecimento como uma transição para a assexualidade. Em contrapartida, ela comentou que em várias culturas não ocidentais, a sexualidade é tratada de maneira mais natural e integrada ao ciclo da vida.

Desde meados da década de 1930, Mead (1979) enfatizava que a sexualidade não devia ser vista como algo intrinsecamente decadente ou irrelevante. Nesta obra, a autora argumenta que o envelhecimento pode proporcionar uma sexualidade diferente, mais centrada na intimidade, na troca emocional e no afeto, em vez de ser focado



exclusivamente no desempenho físico. Segundo Mead (1979), essa mudança de foco pode resultar em experiências sexuais mais ricas e gratificantes, desafiando o estereótipo de que a velhice é uma fase de perda completa do desejo sexual.

Por fim, Mead (1979) defende uma abordagem mais aberta e inclusiva da sexualidade na velhice. Sua abordagem oferece um importante contraponto ao discurso dominante na cultura ocidental, indicando que a sexualidade na pessoa idosa não apenas existe, mas pode florescer, desde que seja tratada com respeito e detalhada em toda a sua complexidade.

Assim, um olhar hermenêutico é particularmente útil para analisar as transformações da sexualidade, visto que ela não se apresenta em uma realidade fixa ou meramente biológica. Pelo exposto, observa-se que houve influências de normas sociais, valores culturais, discursos religiosos e ideológicos, que se modificaram ao longo do tempo e das fases da vida.

Dito de outra forma, a hermenêutica se constitui em ferramenta semântica para investigar como conceitos atribuídos ao corpo, ao desejo e ao prazer são reinterpretados na velhice, indicando que a sexualidade é uma condição humana construída culturalmente. Seu significado pode ser ressignificado em qualquer fase da vida. Ao adotar esse olhar, é possível perceber que o processo de envelhecimento não implica, necessariamente, em diminuição do desejo sexual, mas sim uma mudança nas formas como ele é reivindicado. Assim, ao explorar a sexualidade na velhice sob uma perspectiva hermenêutica, torna-se essencial ressaltar que as construções culturais e sociais influenciam profundamente a forma como o desejo e o prazer são vivenciados e ressignificados. Nesse contexto, a religião desempenha um papel fundamental na formulação de discursos e práticas que moldam a percepção do corpo e da sexualidade em todas as fases da vida, especialmente na velhice.

Diante disso, é pertinente examinar, com maior profundidade, as perspectivas hermenêuticas sobre a corporeidade na velhice, considerando a influência das tradições religiosas na construção de significados sobre o corpo envelhecido e sua relação com o desejo. Segue-se, então, uma análise da relação entre religião e corpo, com enfoque nas abordagens hermenêuticas sobre a corporeidade na velhice.



2. Religião e corpo: perspectivas hermenêuticas sobre a corporeidade na velhice

A corporeidade pode ser entendida como: “a relação dialética do corpo consigo mesmo, com outros corpos expressivos e com os objetos do seu mundo ou ‘as coisas’ que se elevam no horizonte de sua percepção” (Olivier, 1999, p. 57). A corporeidade na velhice é uma questão central para a compreensão da identidade e da subjetividade dos indivíduos em fases avançadas da vida, especialmente no contexto das tradições religiosas (Almeida, 2013; Antunes *et al.*, 2010). A teologia cristã, como uma das principais tradições religiosas no Ocidente, oferece visões complexas sobre o corpo, frequentemente delineadas entre o sagrado e o profano, e essas interpretações têm implicações diretas para o modo como o corpo envelhecido é compreendido e tratado (Flannelly, 2017).

Na teologia cristã, o corpo é frequentemente visto como um templo sagrado, um espaço de conexão com o divino, especialmente no contexto da encarnação de Cristo, onde a união do humano com o divino foi corporificada (Koenig, 1997). Para esse autor, tradições religiosas como o Cristianismo valorizam o corpo humano como um "templo sagrado", uma noção derivada de passagens bíblicas que enfatizam a presença divina no ser humano.

Essa perspectiva promove uma visão holística da vida, na qual todas as dimensões da existência—física, mental, espiritual e sexual—são consideradas interconectadas e significativas. Koenig (1997) argumenta que essa valorização do corpo incentiva os fiéis a cuidarem de sua saúde e bem-estar em todas as etapas da vida, incluindo a velhice. A compreensão do corpo como um templo sagrado implica respeito e atenção às suas necessidades, reconhecendo a sexualidade como uma dimensão natural e importante da experiência humana. Essa abordagem contrasta com visões que associam a sexualidade exclusivamente à juventude e à reprodução, oferecendo em vez disso uma perspectiva que valoriza a expressão sexual como parte integral da identidade e da qualidade de vida da pessoa idosa.

No entanto, ao longo da história, a teologia cristã também delineou uma clara distinção entre o corpo como veículo de santidade e o corpo como fonte de pecado e tentação, especialmente no que se refere à sexualidade (Hood; Hill; Spilka, 2018). Essas tensões teológicas entre o sagrado e o profano são particularmente evidentes nas discussões sobre o corpo envelhecido.



Na juventude, o corpo é muitas vezes exaltado como o ápice da criação divina, mas na velhice, ele pode ser visto como uma expressão de declínio, suscetível à fragilidade e à degeneração (Hinchliff; Gott, 2016). Essa visão dualista do corpo pode reforçar estereótipos negativos sobre o envelhecimento, posicionando o corpo velho como menos digno de cuidado ou atenção espiritual (Schaller *et al.*, 2023).

A sexualidade do corpo envelhecido também é uma questão complexa dentro das tradições cristãs. Embora a teologia cristã, muitas vezes, tenha associado a sexualidade ao propósito de procriação, há um crescente reconhecimento e aceitação, de que a sexualidade vai além da mera procriação, sendo uma expressão de intimidade e união que transcende a idade (Malone; Dadswell, 2018).

Este reconhecimento abre espaço para uma nova hermenêutica da sexualidade na velhice, que busca integrar o corpo envelhecido e o desejo como elementos válidos e importantes da experiência humana, mesmo em contextos religiosos (Atchley, 2009). A espiritualidade, nesse sentido, pode fornecer uma lente interpretativa que ressignifica o corpo envelhecido, acolhendo a sexualidade como parte da totalidade do ser humano em todas as fases da vida.

De acordo com Manning *et al.* (2019), a espiritualidade desempenha um papel fundamental na promoção do bem-estar em idades avançadas, servindo como uma lente interpretativa que permite aos indivíduos ressignificar o corpo envelhecido. Os autores introduzem o conceito de "resiliência espiritual" para descrever como a espiritualidade pode proteger e promover a saúde mental e emocional dos idosos, oferecendo recursos internos para enfrentar os desafios associados ao envelhecimento.

A prática do cuidado do corpo e da alma na velhice também é profundamente influenciada pela religião. A espiritualidade cristã, em particular, oferece uma série de práticas que promovem o cuidado corporal como parte integrante do cuidado espiritual (Koenig, 2013). Na velhice, práticas de autocuidado podem assumir formas específicas, adaptadas às novas condições físicas e emocionais dessa fase da vida (Pronk *et al.*, 2021). A oração, a meditação, os sacramentos e os rituais de cura são exemplos de como a religião e as práticas espirituais podem servir como uma fonte de fortalecimento tanto para o corpo quanto para a alma (Mcmanus, 2024).

Além disso, a espiritualidade do desejo na velhice oferece uma perspectiva única sobre a relação entre corpo e espírito. O desejo, muitas vezes considerado tabu ou



inadequado para a pessoa idosa, é uma dimensão fundamental da experiência humana, e as tradições religiosas têm o potencial de interpretar esse desejo de maneira inclusiva e afirmativa (Almeida, 2013; Giannone; Kaplin, 2020). Na velhice, o desejo pode não ser apenas sexual, mas também um desejo por conexão, intimidade e expressão emocional (Almeida, 2013; Almeida; Lourenço, 2007; 2008; 2012; Le; Chuc; Taghizadeh-Hesary, 2019).

As tradições cristãs, ao abraçarem a ideia de que o corpo é sagrado em todas as idades, podem ajudar a reorientar a compreensão do desejo na velhice, não como algo que precisa ser reprimido, mas como uma manifestação da busca espiritual por união e plenitude (Malone; Dadswell, 2018).

Diferentes tradições religiosas têm lidado de maneiras diversas com o corpo envelhecido e o desejo. Em algumas interpretações, o corpo idoso é visto como um local de sabedoria e experiência acumulada, onde o desejo pode ser vivenciado de forma mais serena e contemplativa (Atchley, 2009).

As tradições cristãs, ao navegarem entre o sagrado e o profano, oferecem tanto desafios quanto oportunidades para a compreensão da corporeidade na velhice (Hood, Hill e Spilka, 2018). A espiritualidade do desejo na velhice pode ser vista como uma forma de reconexão com o divino, onde o corpo, longe de ser um obstáculo, torna-se um veículo de experiência espiritual (Mcmanus, 2024). Em outras abordagens, o corpo envelhecido pode ser marginalizado ou desvalorizado, especialmente em tradições que exaltam a juventude e a vitalidade física como símbolos de proximidade com o divino (Hinchliff; Gott, 2016). No entanto, há uma crescente conscientização sobre a necessidade de incluir a pessoa idosa nas práticas espirituais que valorizam o corpo e o desejo como dimensões contínuas da vida humana (Manning *et al.*, 2019).

A análise das perspectivas hermenêuticas sobre o corpo na velhice revela a importância de adotar uma abordagem inclusiva, que reconheça e valorize tanto o corpo quanto o espírito em sua totalidade. Essa compreensão ampliada da corporeidade e da espiritualidade na velhice é fundamental para combater estigmas e promover uma vivência plena dessa fase da vida (Malone; Dadswell, 2018; Mcmanus, 2024).

Contudo, ao considerar a influência religiosa sobre a sexualidade na velhice, é necessário abordar também os aspectos repressivos que, historicamente, moldaram as experiências de desejo e expressão sexual. A seguir, serão examinadas as tensões entre a



repressão sexual promovida por certos discursos religiosos e as alternativas emergentes que propõem uma visão mais afirmativa e libertadora da sexualidade na velhice.

3. A influência religiosa na sexualidade na velhice: repressão e perspectivas alternativas.

Entre os aspectos mais significativos que moldam a experiência sexual dos sujeitos, está a influência da religião que, ao longo da história, tem desempenhado um papel importante na definição de normas, valores e práticas sexuais (Flannelly, 2017; Hood; Hill; Spilka, 2018). Essas influências são manifestadas por meio de códigos morais, ensinamentos doutrinários e práticas comunitárias que moldam as atitudes individuais em relação à sexualidade.

As tradições religiosas, especialmente o catolicismo, estabelecem códigos morais que definem comportamentos sexuais aceitáveis e inaceitáveis. Promovem a castidade antes do casamento e a fidelidade dentro dele, condenando práticas como a promiscuidade e o adultério. Esses códigos servem como diretrizes que influenciam as decisões individuais sobre a expressão sexual, internalizando padrões de comportamento que são considerados moralmente corretos (Flannelly, 2017).

Os valores de pureza e santidade associados à sexualidade são reforçados por ensinamentos religiosos que veem o ato sexual não apenas como uma função biológica, mas como uma expressão espiritual significativa. A sexualidade é frequentemente vinculada a propósitos superiores, como a procriação e a união espiritual entre parceiros, o que confere um caráter sagrado às práticas sexuais dentro dos limites definidos pela religião (Hood; Hill; Spilka, 2018).

Práticas religiosas específicas, como rituais de casamento e cerimônias de maioridade, institucionalizam normas sexuais e reforçam expectativas comunitárias. Tais rituais não apenas celebram a união de indivíduos, mas também reafirmam os valores religiosos em torno da sexualidade, consolidando a compreensão coletiva do que é considerado apropriado (Hood; Hill; Spilka, 2018).

Oz, Duran e Doğan (2022) apontaram que essa construção moral é reforçada por práticas religiosas, ensinamentos doutrinários e expectativas comunitárias que valorizam a abstinência sexual ou limitam a expressão sexual a determinados parâmetros. A velhice integra uma etapa em que a conservação de valores rígidos está internalizada. Ainda que



os idosos enfrentem e questionem os dogmas religiosos relacionados à moral sexual, eles frequentemente vivenciam um desconforto significativo, o que pode comprometer sua saúde mental e bem-estar emocional.

Entretanto, Oz, Duran e Doğan (2022) também identificaram que a espiritualidade pode atuar como recurso de resiliência, permitindo uma reinterpretação positiva de sua sexualidade. Ao buscar uma compreensão holística sobre espiritualidade, esses indivíduos conseguem integrar sua sexualidade como parte essencial de sua identidade e experiência humana, independentemente das restrições impostas pela moralidade tradicional (Oz; Duran; Doğan, 2022).

As mudanças contemporâneas nas práticas sexuais, impulsionadas por avanços na saúde, maior longevidade e a crescente aceitação da diversidade sexual, desafiam diretamente as normas religiosas tradicionais (Silva *et al.*, 2022). Muitos idosos estão reavaliando e ressignificando suas crenças e práticas sexuais à medida que a sociedade oferece novas possibilidades para a vivência da sexualidade, como o uso de tratamentos médicos que permitem uma vida sexual mais longa e satisfatória, bem como a aceitação social de novos arranjos relacionais (Kvalem *et al.*, 2020).

A repressão sexual ainda está fortalecida para aqueles que cresceram em contextos religiosos, em que a sexualidade era rigidamente controlada por normas morais (Flannelly, 2017). Desde cedo, muitas tradições religiosas ensinam que o corpo e o desejo devem ser controlados, e que a sexualidade fora do casamento heterossexual é pecaminosa (Hood; Hill; Spilka, 2018). Na velhice, essa repressão pode assumir diferentes formas, desde a internalização de sentimento de culpa e vergonha até a autocensura do desejo (Giannone; Kaplin, 2020).

As narrativas religiosas que retratam o corpo envelhecido como decadente e a sexualidade como inadequada, reforçam esses sentimentos, levando muitos a reprimir suas necessidades afetivas e sexuais (Schaller *et al.*, 2023). Essa repressão não apenas limita a expressão sexual, mas pode ter implicações sérias para a saúde mental e relacional da pessoa idosa, causando solidão, baixa autoestima e depressão (Dixon; Lachman, 2019).

A repressão sexual também influencia relacionamentos íntimos, especialmente entre aqueles que vivem em casamentos ou relacionamentos de longa duração (Kvalem *et al.*, 2020). A continuidade da vida sexual depende da capacidade de se comunicar



abertamente sobre as necessidades e limitações que surgem com o envelhecimento (Hinchliff; Gott, 2016). Desde o estudo de DeLamater e Sill (2005), pesquisas crescentes têm apontado que níveis mais baixos de desejo sexual podem afetar tanto mulheres quanto homens idosos. DeLamater e Sill (2005), por exemplo, descobriram que o desejo sexual não começa a diminuir até aproximadamente os 75 anos de idade.

No entanto, as normas religiosas podem inibir essa comunicação, fazendo com que evitem discutir questões sexuais, mesmo com seus parceiros (Roney; Kazer, 2015). Isso pode resultar em uma desconexão emocional e física, comprometendo a qualidade do relacionamento. Além disso, para aqueles que não estão em relacionamentos, a repressão sexual pode levá-los a evitar a busca de novos relacionamentos afetivos e íntimos, limitando suas oportunidades de viver uma velhice plena e satisfatória (Oliveira; Salvador; Lima, 2023).

Apesar das barreiras impostas pelas normas religiosas tradicionais, há um movimento crescente em direção a uma visão mais positiva e afirmativa da sexualidade na velhice (Almeida; Lourenço, 2012; Malone; Dadswell, 2018; Mcmanus, 2024). Essas abordagens alternativas reconhecem que a sexualidade é uma parte integral da experiência humana, independentemente da idade, e que pode ser vivida de forma saudável e espiritualmente significativa na velhice (Atchley, 2009). A espiritualidade inclusiva vê o corpo como sagrado em todas as fases da vida e rejeita a noção de que o desejo sexual deve ser reprimido (Manning *et al.*, 2019). Em vez disso, essas abordagens promovem a aceitação do corpo envelhecido e a integração da sexualidade como parte de uma vida espiritual plena (Shafranske, 2023).

Muitas dessas alternativas religiosas adotam uma sexualidade positiva, que valoriza o prazer, o afeto e a intimidade como aspectos importantes da vida na velhice (Hinchliff; Gott, 2016; Schaller *et al.*, 2023). Sexualidade positiva pode ser definida como uma abordagem que reconhece e valoriza a expressão sexual saudável e satisfatória em todas as fases da vida, incluindo a velhice. De acordo com Hinchliff e Gott (2016), essa perspectiva desafia estereótipos e concepções tradicionais que limitam a sexualidade à juventude, promovendo uma compreensão mais inclusiva e diversa das experiências sexuais dos indivíduos idosos. Caracteriza-se pela promoção do bem-estar sexual, autonomia, satisfação pessoal e respeito às múltiplas identidades e expressões sexuais. Essa visão não se limita à vida sexual dentro do casamento, mas reconhece que o desejo



e a necessidade de conexão emocional e física podem continuar a existir em diferentes contextos, incluindo recasamentos, relações de convivência não formalizadas ou relações entre pessoas do mesmo sexo (Ramos; Oliveira, 2021).

A teologia, que desafia a repressão sexual e afirma a dignidade da sexualidade na velhice, oferece uma nova maneira de pensar a relação entre religião, corpo e desejo (Mcmanus, 2024). Para o autor, “A teologia positiva insiste no que pode ser conhecido sobre Deus com base na revelação divina, distinguindo-se da abordagem negativa, que se concentra nos aspectos incognoscíveis da natureza de Deus.” (McManus, 2024, p. 82). A teologia positiva, assim, oferece uma via para o entendimento teológico que se fundamenta em fontes autorizadas, evitando a especulação puramente racional e buscando responder às questões teológicas de maneira objetiva e fundamentada na revelação.

Além disso, o exercício da sexualidade está alinhado com a promoção da saúde integral. A sexualidade é reconhecida como uma dimensão importante do bem-estar. Ao valorizar a sexualidade como uma parte fundamental da vida humana, essas alternativas religiosas também promovem a construção de comunidades de apoio onde as pessoas idosas são aceitas e valorizadas em sua totalidade, sem medo de julgamento ou repressão (Manning *et al.*, 2019).

Em síntese, a influência da religião na sexualidade da pessoa idosa demarca tensões entre normas tradicionais e as mudanças contemporâneas nas práticas sexuais (Hinchliff; Gott, 2016; Silva *et al.*, 2022). Embora a repressão sexual continue a ser uma realidade para muitos, há uma crescente abertura para abordagens religiosas mais inclusivas que reconhecem a sexualidade como parte de uma vida espiritual saudável na velhice (Atchley, 2009; Mcmanus, 2024).

Logo, o estudo detalhado de como estas dinâmicas se comportam, abrirá caminhos para uma compreensão mais abrangente e afirmativa da sexualidade na etapa da velhice, onde o corpo e o desejo podem ser vividos de maneira plena e respeitosa, tanto dentro quanto fora dos contextos religiosos tradicionais.

Considerações finais

O estudo das transformações da sexualidade entre os indivíduos com 60 anos ou mais, a partir de uma abordagem hermenêutica da religião, revela a complexidade de uma



fase da vida frequentemente negligenciada nas discussões sobre corpo e desejo. O processo de envelhecimento, envolve profundas transformações físicas, psicológicas e sociais, que impactam diretamente na forma como a sexualidade é vivenciada e compreendida.

Este estudo buscou explorar como a religião, em suas diversas expressões e tradições, contribui para a construção de narrativas sobre o corpo e a sexualidade na velhice, e como essas narrativas podem tanto restringir quanto promover uma vivência sexual mais plena e digna.

A análise hermenêutica da sexualidade na velhice demonstra que o envelhecimento não extingue o desejo, mas reconfigura seus modos de expressão, exigindo instrumentos interpretativos capazes de dialogar com transformações corporais, psíquicas e socioculturais. Ao desvelar como discursos religiosos constroem sentidos sobre corpo e prazer, o presente estudo evidenciou a coexistência de duas tendências: (I) leituras normativas que associam sexualidade a juventude e procriação, perpetuando estigmas que marginalizam a experiência erótica tardia; e (II) interpretações inclusivas que ressignificam o corpo senescente como locus de dignidade, intimidade e transcendência, reforçando a noção de corporeidade integrada. A hermenêutica, portanto, oferece um caminho crítico-propositivo, ao mesmo tempo em que decompõe regimes de poder sobre o corpo envelhecido e aponta para possibilidades emancipatórias.

Tais achados exigem uma abordagem interseccional que considere gênero, orientação afetivossexual, classe e etnia, pois estes marcadores modulam o impacto das normas religiosas e dos discursos sociais sobre o envelhecimento erótico. Ademais, a literatura indica que a espiritualidade funciona como recurso de suporte, auxiliando pessoas idosas a integrarem mudanças corporais e a manterem senso positivo de identidade sexual. Reconhecer essa dimensão simbólica é essencial para evitar quadros de culpa, solidão e inadequação que comprometem saúde mental e relacional.

A transposição dos resultados para a prática demanda ações convergentes:

- Educação – Inserir conteúdos sobre sexualidade e velhice nos cursos de licenciatura, saúde e teologia, acompanhados de metodologias dialógicas que desconstruam mitos etaristas e favoreçam pedagogias intergeracionais. Programas de formação continuada podem incentivar docentes a tratar desejo e prazer como dimensões legítimas em todas as fases da vida.



- Saúde – Protocolos de atenção primária devem contemplar avaliação sistemática da saúde sexual de pessoas 60+, com orientação sobre prevenção de infecções sexualmente transmissíveis, aconselhamento espiritual e, quando pertinente, intervenção psicoterapêutica integrativa. Equipes multiprofissionais precisam ser capacitadas para dialogar com valores religiosos dos pacientes, incorporando práticas de cuidado centradas na pessoa.
- Políticas públicas – Urge consolidar diretrizes nacionais que reconheçam os direitos sexuais da população idosa, em consonância com o Estatuto da Pessoa Idosa e a Agenda 2030. Tais diretrizes devem prever campanhas antietaristas, financiamento a centros de convivência que ofertem educação sexual contínua e acordos com lideranças religiosas para promover narrativas inclusivas sobre corpo e desejo.

Para sustentar essas frentes, propõe-se uma agenda de pesquisa que aprofunde a relação entre espiritualidade, bem-estar sexual e interseccionalidades, ampliando métodos qualitativos e longitudinais que capturem a heterogeneidade das experiências eróticas na velhice. Esse investimento científico subsidiará intervenções baseadas em evidências e fomentará a criação de ambientes culturais e religiosos onde o corpo envelhecido seja reconhecido como portador de afetividade, prazer e significado.

Em síntese, ressignificar a sexualidade na velhice significa reafirmar o valor intrínseco do ser humano ao longo de todo o ciclo vital. Ao articular hermenêutica da religião, estudos sobre identidade e corpo e perspectivas intersetoriais, este trabalho indica que uma ética do envelhecer sexualmente ativo e digno não é apenas possível, mas necessária para a construção de sociedades mais justas, inclusivas e saudáveis.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, T. As (im)possibilidades afetivo-sexuais para a velhice frente ao Novo Milênio. *Revista Transdisciplinar de Gerontologia*, v. 2, p. 10, 2008.

ALMEIDA, T. A paquera na terceira idade: possibilidades para um novo recomeço. In: ALMEIDA, T. (Org.). *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante e o depois*. 1. ed. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2013. v. 1, p. 437-453.

ALMEIDA, T.; BITTENCOURT, R. Mens sana in corpore sano: em busca de uma autoimagem positiva na contemporaneidade. *Revista Augustus*, v. 22, n. 44, p. 48-65, 2018.



ALMEIDA, T.; LOURENÇO, M. L. Amor e sexualidade na velhice: direito nem sempre respeitado. *RBCEH. Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, v. 5, p. 130-140, 2008.

ALMEIDA, T.; LOURENÇO, M. L. Reflexões: conceitos, estereótipos e mitos acerca da velhice. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano (RBCEH)*, v. 6, p. 233-244, 2009.

ALMEIDA, T.; LOURENÇO, M. L. O comportamento sexual na terceira idade, saúde sexual para o idoso e a questão da AIDS (Terceira Idade e a AIDS). In: PESSÔA, Candido V. B. B.; COSTA, Carlos Eduardo; BENVENUTI, Marcelo (Org.). *Comportamento em foco*. 1. ed. São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental - ABPMC, 2012. v. 1, p. 19-30.

ALTHAUS-REID, M. *La teología indecente: perversiones teológicas en sexo, género y política*. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2005.

ALTHAUS-REID, M. *Indecent theology: theological perversions in sex, gender and politics*. Londres: Routledge, 2000.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANTUNES, E. S. D. C. et al. Considerações sobre o amor e a sexualidade na maturidade. *Pensando Famílias*, v. 14, n. 2, p. 121-138, 2010.

ATCHLEY, R. C. *Spirituality and aging*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2009.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. 1. fatos e mitos (4th ed.). São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BESSA, T. A et al. Amizade e solidão na velhice: uma revisão integrativa da literatura. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 27, p. 149-170, 2024.

BUTLER, R. Age-ism: another form of bigotry. *The Gerontologist*, v. 9, p. 243-246, 1969.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHODOROW, N. *The reproduction of mothering: psychoanalysis and the sociology of gender*. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 1999.

CUMMING, J.; HENRY, P. *Evolution of Communities*. Cambridge: Cambridge University Press, 1961.



DELAMATER, J. D.; SILL, M. Sexual desire in later life. *Journal of Sex Research*, v. 42, n. 2, p. 138-149, 2005. DOI: 10.1080/00224490509552267.

DIXON, R. A.; LACHMAN, M. E. Risk and protective factors in cognitive aging: Advances in assessment, prevention, and promotion of alternative pathways. In: DAFFNER, K. R.; KRAMER, J. H. (Eds.). *The aging brain: Functional adaptation across adulthood*. Washington, DC: American Psychological Association, 2019. p. 217-263.

FALCÃO, D. V. S.; THOMÉ, T. P.; ALMEIDA, T. Casais idosos: um estudo sobre satisfação conjugal, paixão, intimidade e compromisso. *Revista Santa Rita (FACEAS)*, v. 46, p. 39-55, 2023.

FLANNELLY, K. J. *Religious beliefs, evolutionary psychiatry, and mental health in America*. New York: Springer, 2017.

FORBES, M. K.; EATON, N. R.; KRUEGER, R. F. Sexual quality of life and aging: A prospective study of a nationally representative sample. *Journal of Sex Research*, v. 54, p. 137-148, 2017.

FORTI, S.; SERBENA, C. A.; SCADUTO, A. A. Mensuração da espiritualidade/religiosidade em saúde no Brasil: uma revisão sistemática. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, n. 4, p. 1463-1474, 2020.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 1. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

GIANNONE, D. A.; KAPLIN, D. How does spiritual intelligence relate to mental health in a Western sample? *Journal of Humanistic Psychology*, v. 60, n. 3, p. 400-417, 2020.

HATAKEYAMA, N. H.; ALMEIDA, T.; FALCÃO, D. V. S. Amor, relacionamentos amorosos e poliamor na perspectiva de jovens universitários e idosos. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 20, p. 271-292, 2017.

HINCHLIFF, S.; GOTT, M. Ageing and sexuality in Western societies: Changing perspectives on sexual activity, sexual expression, and the sexy older body. In: PEEL, E.; HARDING, R. (Eds.). *Ageing and sexualities: Interdisciplinary perspectives*. 1. ed. Routledge, 2016.

HOOD, R. W.; HILL, P. C.; SPILKA, B. *The psychology of religion: An empirical approach*. New York: Guilford Publications, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo demográfico 2022: População por idade e sexo: Pessoas de 60 anos ou mais de idade*. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102038.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.

KOENIG, H. G. *Is religion good for your health? The effects of religion on physical and mental health*. New York: Routledge, 1997.



KOENIG, H. G. *Spirituality in patient care: why, how, when, and what*. 3 ed. West Conshohocken, PA: Templeton Press, 2013.

KVALEM, I. L. et al. The role of body image in sexual satisfaction among partnered older adults: A population-based study in four European countries. *European Journal of Ageing*, v. 17, n. 2, p. 163-173, 2020.

LE, T.; CHUC, A. T.; TAGHIZADEH-HESARY, F. Financial inclusion and its impact on financial efficiency and sustainability: empirical evidence from Asia. *Borsa Istanbul Review*, v.19, n. 4, p. 310-322, 2019.

LEMOS, C. T.; NUNES, M. E. A expansão da espiritualidade/religiosidade: um produto de consumo ou uma possibilidade de mais benefícios humanitários. *Fragments de Cultura*, v. 32, p. 489-498, 2022.

RAMOS, C. T.; LEMOS, C. T. Religião e espiritualidade: seus impactos em pacientes em cuidados paliativos, uma revisão integrativa. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 21, n. 2, p. 292-313, 2024.

LYOTARD, J-F. *A condição pós-moderna*. 1 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MALONE, J.; DADSWELL, A. The role of religion, spirituality and/or belief in positive ageing for older adults. *Geriatrics*, v. 3, n. 2, p. 28, 2018.

MANNING, L. et al. Spiritual resilience: Understanding the protection and promotion of well-being in later life. *Journal of Religion, Spirituality & Aging*, v. 31, n. 2, p. 168-186, 2019.

MCMANUS, D. T. The intersection of spirituality, religiosity, and lifestyle practices in religious communities to successful aging: A review article. *Religions*, v. 15, n. 4, p. 478, 2024.

MEAD, M. *Sexo e temperamento em três sociedades primitivas*. São Paulo: Perspectiva, 1979. (Tradução da obra original de 1935).

MEAD, M. *Masculino e feminino: um estudo dos sexos em um mundo em mudança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MEAD, M. *Cultura e compromisso: um estudo da diferença entre gerações*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

OLIVEIRA, A. S. Transição demográfica, epidemiológica e envelhecimento populacional no Brasil. *Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde*, v. 15, n. 32, p. 69-79, 2019.

OLIVEIRA, W. I. F. D.; SALVADOR, P. T. C. D. O.; LIMA, K. C. D. Aspectos determinantes para construção social da pessoa idosa a partir das políticas públicas no Brasil. *Saúde e Sociedade*, v. 32, e210118pt, 2023.



OLIVIER, G. G. de F. *O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade*. 2. ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. OPAS. Folha informativa: envelhecimento e saúde. Brasília: OPAS, 2018. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5661:folha-informativa-envelhecimento-e-saude&Itemid=820. Acesso em: 30 out. 2020.

OZ, Y. C.; DURAN, S.; DOĞAN, K. The meaning and role of spirituality for older adults: A qualitative study. *Journal of Religion and Health*, v. 61, p. 1490-1504, 2022.

PERES, J. F. P.; NEWBERG, A. Neuroimagem e mediunidade: uma promissora linha de pesquisa. *Archives of Clinical Psychiatry*, São Paulo, v. 40, n. 6, p. 225-232, 2013.

PESSOA, L. P. et al. A influência das novas tecnologias digitais nas relações sociais de idosos no contexto da pandemia da COVID-19. *Revista Santa Rita (FACEAS)*, v. 45, p. 32-42, 2023.

PRONK, N. et al. Practice full report: Promoting health and well-being in Healthy People 2030. *Journal of Public Health Management and Practice*, v. 27, p. S242-S248, 2021.

PUCHALSKI, C., et al. Improving the quality of spiritual care as a dimension of palliative care: The report of the consensus conference. *Journal of Palliative Medicine*, v. 12, n. 10, p. 885-904, 2009.

RAMOS, A. J. A.; OLIVEIRA, R. S. Representações da sexualidade na velhice LGBTQIA+. *Revista Práticas de Linguagem*, v. 11, n. 1, 2021.

RIBEIRO, E. C. de S. A. et al. Fatores sociodemográficos associados a não longevidade e longevidade em idosos no Brasil. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, v. 29, e134979, 2024.

RONEY, L.; KAZER, M. W. Geriatric sexual experiences: The seniors tell all. *Applied Nursing Research*, v. 28, n. 3, p. 254-256, 2015.

SCHALLER, S. L.; KVALEM, I. L.; TRÆEN, B. Constructions of sexual identities in the ageing body: A qualitative exploration of older Norwegian adults' negotiation of body image and sexual satisfaction. *Sexuality & Culture*, v. 27, p. 1369-1402, 2023.

SHAFRANSKE, E. P. The scientific study of positive psychology, religion/spirituality, and mental health. In: DAVIS, E. B.; WORTHINGTON Jr., E. L.; SCHNITKER, S. A. (Eds.). *Handbook of positive psychology, religion, and spirituality*. New York: Springer, 2023. p. 345-358.

SILVA, G. O. et al. O que sabemos sobre gênero e sexualidade na velhice? Uma revisão sistemática. *Revista de Psicologia da IMED*, v. 14, n. 1, p. 141-156, 2022.

SIQUEIRA, C. L. O.; TORRES, L. V. Se alguém perguntar por mim, diz que fui por aí: ensaio sobre uma educação que (des)inquieta. In: AZEVEDO, C. D. (Org.). *Velhices*:



Perspectivas e cenário atual na pesquisa idosos no Brasil. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2023. p. 82-103.

TONIOL, R. *Do espírito na saúde: oferta e uso de terapias alternativas complementares nos serviços de saúde pública no Brasil*. São Paulo: LiberArs, 2018.

TORRES, L. V.; CARRIÃO, L. H. *Universidade da Terceira Idade - lugar de idoso é também na escola*. Goiânia: PUC Goiás, 2017. (Coleção Gerontologia e Educação, v. 1).

TRÆEN, B. et al. An overview of the literature on sexuality in older adults (65+), part 2: Body image and sexual satisfaction. *International Journal of Sexual Health*, v. 29, n. 1, p. 11-21, 2017.

VEER, P. Spirituality in modern society. *Social Research*, v. 76, n. 4, p. 1097-1120, 2009.

WHO. *Decade of healthy ageing 2021–2030: baseline report*. Genebra: World Health Organization, 2021.